

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha | Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa
PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA

Anno..... 48500
Semestre..... 25400
Trimestre..... 18300

Anno..... 48000 | Trimestre..... 25000
Semestre..... 48000 | Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



Summario

Capa: UMA MOURA DE FEZ. • Texto: NA CAPITAL FEDERAL: CARTA A UM ALFACINHA, 11 Illustr. • VIDA COLONIAL: UMA REPRESENTAÇÃO ESCOLAR EM LOURINHO MARQUES, 6 Illustr. • EXERCÍCIOS DA 1.ª BRIGADA DE CAVALARIA NO HIPPODROMO DE BELEM, 7 Illustr. • UMA FESTA DE CRIANÇAS, 3 Illustr. • UM PINTOR PORTUGUEZ, 6 Illustr. • ESCOLA DO EXERCITO, 6 Illustr. • EL-REI NA PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS, 6 Illustr. • A INICIATIVA PORTUGUEZA NO BRAZIL, 3 Illustr. • A EXAULTORAÇÃO DO TENENTE ULMO, 3 Illustr. • O TRIUMPHO DA BARBARIE SOBRE A CIVILISAÇÃO, 10 Illustr. • • •

Agencia de Viagens  R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE Successores

FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. Viagens circulares a preços reduzidos e com itinerário à vontade dos viajantes na SUÍSSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA, etc. Viagens de re,treio no Mediterraneo e ao Cabo Norte (o Sol à meia noite). Viagens ao Egypto e à Terra Santa. Passagens para o Brazil e Rio da Prata. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

**ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE**

© A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronancias, chronologia e physiognomia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobre-loja — LISBOA.
Consultas a 4\$000 r. 2\$500 r. 5\$000 r.

PARFUM FLORAMYÉ
L.T. PIVER
PARIS

PRINCIA VIOLET
 NOUVEAU PARFUM
 29, rue des Italiens, Paris

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSICIONES e FORNECEDORES DA CASA REAL

À SEDA SUÍSSA É A MELHOR!
Peçam as amostras das nossas sedas novidades de primavera e de verão para vestidos e blouses:
Surah cheonan, messaline ombre, armure granite, Louiseine, Taffetas, Mousseline, 120 cm. de larg. a partir de fr. 1,25 o metro em preto, branco, liso e modelado assim como as blouses e vestidos em batiste e seda bordada.
Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.
Schweizer & C.^o, Lucerne E. 12.
SUÍSSA
EXPORTAÇÃO DE SEDAS

SEIOS
Desenvolvidos. Reconstituídos. Afortoados. Fortificados com as **"Pílulas Orientales"**
O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno alguma saúde. — Approvado pelas notabilidades medicas.
J. Ratié, Pharmacien, 5, passage Verdeau, Paris.
Franco com instruções reais 13.
Tanco, para valle do correio enviado a: J. P. Bastos & C.^o 39, Rua Augusta, Lisboa.

DISPONIVEL

AGENTE EM PARIS: CAMILLE LIPMAN, 20, RUE VIGNON

Companhia *** DO *******
Papel do Prado
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobretreirinho (Thomas), Feneço e Canal d'Herminio (Lousa), Valle Maior (Alberga), Valle a-Velha). **
** Escritorios e depositos **
LISBOA—270, Rua da Princeza. 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51
Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado. Prado—Porto—Lisboa, N.º telephon. 208

NA CAPITAL FEDERAL

CARTA
A LUP
ALPACINHA



HAS-DE querer saber, amigo, as impressões que tenho colhido aqui, n'esta cidade que Arthur Azevedo cinematographou n'uma famigerada opereta.

Por essa interessante peça, que levou á Trindade toda Lisboa, já tu conheces as mulatinhas dengosas, os varios Figueiredos, mais ou menos validos, que passam a vida a encadernar essas gentis bonecas de pau santo, e o roceiro-pato, que deixa n'uma noite, sob o travesseiro bordado da cocotte esperta, o fruto de muitos annos de fadiga.

Mas o que tu não sabes é que isto é uma terra deliciosa, o verdadeiro *paradis des petites femmes* como diz o Polin na *Petit Tonkinoise*.

Quando o vapor que me trouxe deitou ferro, era noite ainda; mas eu não mais pude tornar a dormir, querendo ter a sensação immediata da perspectiva da cidade áquella hora.

Cheguei á janellinha do beliche e pareceume estar a assistir de um camarote de theatro á apothose final de qualquer *ferie*, rica em maravilhas de scenographia.

A bahia estava calma como um grande lago, onde se appreciam cysnes espadanando a agua com a brancura das suas azas, e trigon-dolas douradas, conduzindo pares enamorados que desfiassem com seus amores sob o complacente olhar das estrellas.

Em volta não se via mais que um renque de luzes que bordavam toda a Avenida Beiramar até Botafogo, como se essas luzes estivessem ali marcando o caminho da Bemaventurança...

Depois as estrellas simiraram-se a pouco e pouco, foram-se apagando as luzes e o horizon-te começou a laivar-se de tintas alaranjadas, até que a aurora surgiu radiante, fazendo ressaltar todos os vultos indescris com a sua mollhada de luz.

Principiaram então a levantar-se silhuetas de casas ricas, verdes de arvores em todos os tons, sobressaindo na paizagem a elegancia das palmeiras e as extravagantes sinuosidade dos montes.

E sobre este conjunto encantador poz-se a cair uma chuvasinha miuda e teimosa, como uns olhos formosos se orvallham de lagri-



Cas Pharoix
— Casa Raunier

mas mal contidas.

Em roda do navio vogavam barquinhos que traziam a bordo gente em demanda de pessoas que chegavam.

Eu ardia de impaciência por que a companhia desembarcasse, até que appareceu a lancha que vinha buscar-nos.

Fez-nos as honras da entrada Celestino da Silva, o conhecido e estimado empresario brasileiro.

Na alfandega nada das difficuldades que ali impedem maior affluencia de estrangeiros ao nosso porto. Empregados diligentes e attentiosos, que facilitam o movimento de saida com uma amabilidade captivante.

Mesmo na alfandega apresentou-me o nosso José Ricardo a Francisco Souto, redactor do *Correio da Manhã*, — o Chico Souto, como amistosamente lhe chamam aqui, um *camaradão*, como no Rio soem appellar os amigos sinceros e leaes.

Seguidamente tomei um trem e encaminhei-me para o Hotel Nacional, que tem a grande vantagem de ficar mesmo em face do theatro Apollo, onde represento.

Logo no trajecto tive ensejo de notar a grande animação das ruas, que me fez recordar Madrid. Gente a pé, cruzando-se em todas as direcções, com o ar atarefado de quem vae á sua vida, electricos, bonds, carruagens, automoveis. E senti immediatamente a impressõ de que entrava n'uma cidade de trabalho, onde não se guarda nada que fazer para amanhã.

N'esse dia pouco mais pude vêr, porque foi para descansar da massada da viagem.



No dia seguinte dispuz-me a ir cumprimentar parte da imprensa e metti-me n'um bond que me levou ao largo de S. Francisco, para tomar a pé pela rua do Ouvidor, onde estão installadas varias redacções.

Esta rua do Ouvidor é bastante estreita; mas a multidão que ali se acotovella é tão grande que não é por ella



Avenida Central

permittedo o transito de nenhum vehiculo. E' lá que encontramos as vitrines tentadoras das grandes lojas de modas, como a casa Raunier que me faz lembrar um grande *magasin* parisiense; as livrarias, sempre cheias de gente que *compra livros*, porque o Rio é um centro de intellectuaes, e lê-se muito aqui; os cafés cascalhantes de risos e de cavaço; as ourivesarias com as joias que são o pesadelo das portuguezinhas; e não falta lá sequer a mercearia bem fornecida, com fructas européas garridamente apresentadas entre arrendados de papel de côres.

Todas as tardes por ali desfilam as elegancias da alta sociedade carioca, que se baralham n'uma democratica confusão com as *demi-mondaines* espaventosas e os honrados operarios que regressam da labuta diaria.

E não ha faltar á cita, porque lá está á porta da *Gazeta de Noticias* o Figueiredo Pimentel, infatigavel, de *carpet* e lapis em punho, para que na sua secção da fina roda não falhe um nome cotado, nem se escamoteie um pedaço de renda do *corsage* de madame Y ou á fivela *smart* do chapéu de mademoiselle X.

Comecei as minhas visitas pelo *Jornal do Commercio*, onde fui amavelmente recebida pelo coronel Ernesto Senna, que falava ao telephone em mangas de camisa.

Depois de ter cumprimentado o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brazil* e a *Tribuna*, que rivalisaram de gentileza, fui á *Gazeta de Noticias*, onde me acolheu Paulo Barreto (*João do Rio*), rapaz de brilhante futuro litterario, de physionomia insinuante, e que na mocidade jornalística do Rio de Janeiro tem uma situação invejavel, pela imprevisita originalidade das suas chronicas. O seu artigo sobre o meu livro, *Memorias de uma actriz*, é um bellissimo trecho de prosa, que causou na cidade a sensação de um explosivo que se desentranhasse em flores perversas e bizarras...

Ha ainda na rua do Ouvidor a *Noticia*, folha da tarde, que se enriquece com a collaboração de Medeiros e Albuquerque, critico litterario, cujas apreciações tem



Relógio e igreja da Gloria

um valor dogmático (e que foi gentilíssimo, tratando do meu primeiro livro) e de Arthur Azevedo, chronista theatral de reconhecida competência, nem sempre doce, mas invariavelmente chispante de *verve*.

Não cumprimentei este jornal pessoalmente, como não fui a outros, porque a hora a que lá encontraria alguém era exactamente a hora dos meus ensaios. Limitei-me, portanto, a mandarlhes um cartão saudando-os, se bem que no meu espirito eu os irmane a todos com igual estima.

A minha última visita foi ao *Paiz*, que está esplendidamente installado na Avenida Central, em casa propria, n'um predio de construção luxuosa, que tornea para a rua Sete de Setembro.

A sala da redacção é grande bastante e mobilada com certo conforto.

Quando entrei, vi muitos homens em mangas de camisa, inclinados sobre as carteiras que focos electricos allumiavam. Eram os redactores do jornal, que n'este traje de jantar fóra de portas davam ao quadro um aspecto pittoresco.

E' que, meu curioso, a temperatura aqui é agradável, fresquinha até por vezes, mórmente á noite; mas para estes pobres condemnados da imprensa, amarrados á banca da redacção horas consecutivas, não é a mesma coisa. D'ahi a necessidade de aligeirar a *toilette*.

Sentei-me n'um sophá ao fundo, onde veiu ter commigo, envergando á pressa o casaco, o sr. de Villemar Amaral França, um *ci-devant*, como chamavam os francezes aos aristocratas, no abominavel periodo de sangue de Danton e Robespierre. Vinha muito confuso,

por ter sido apanhado... em camisa.



Medeiros e Albuquerque, da Gazeta de Noticias e da Noticia

gria de encontrar o nosso compatriota Juliano Machado, o primoroso caricaturista, que ha dez annos deslumbra os nossos irmãos brazileiros com o fiasco do seu talento.



Este jornalismo do Rio de Janeiro, que não se parece com o nosso, conservando o seu caracter proprio, mantendo um grande cuidado, na sua feitura, tanto litteraria como plastica, é constituído, quasi todo, por grandes empresas industriais, representativas de um capital incomparavelmente muito superior ao dos periodicos de Lisboa, exceptuado, está visto, o *Seculo*. E folha que não esteja n'estas condições de desafogo material, permitindo-lhe uma installação mechnica de primeira ordem e um selecto corpo redactoral, não faz largo caminho, é coisa de antemão sabida. Por isso a gazeta de aventura, que muitas vezes apparece ahi, sem condições de vida asseguradas, descontando problematicos successos de venda, que jámais attinge, não é aqui tomada a sério, nem empreendimento a que alguém de juízo se abalance. Cada diario do Rio tem, de resto, a sua clientella especial, antiga, certa e fiel, e tenho a impressão de que todos os gostos do publico estão já servidos, não sobrando leitores disponiveis para novos jornaes.

Tambem nas redacções dos grandes diarios encontram-se, fazendo parte effectiva d'ellas, ou como seus collaboradores habituaes, alguns dos mais illustres homens politicos e dos mais distinctos homens de letras do Brazil. O recrutamento respectivo faz-se com um escrupulo bem maior do que o usado na nossa terra, onde se permite a inferiores sem qualquer sombra de merito, e sem qualquer respeito até



Praça 15 de Novembro (Antigo Rocío)

Foi logo annunciar-me ao secretario da redacção, José Barbosa, que me fez as honras da casa com toda a galanteria.

Tive o prazer de ser ali apresentada ao illustre jornalista Sousa Lage, irmão do meu conhecido dr. Eduardo de Sousa, do Porto, — tambem em mangas de camisa e ostentando' com muito espirito uma respeitavel careca, que briga com a apparencia moça da face.

A' porta foi-me concedida ainda a ale-

da propria profissão, a entrada nos jornaes, e que perpetrem lá, sem qualquer impedimento nem fiscalisação, toda a casta de calinada. Quando não fazem coisa peor, como eu mesma poderia dar testemunho, na qualidade de victima que já fui de gente d'essa natureza.

Mas, passemos adeante, que o caso não vem agora para aqui.

Visto que me referi á circumstancia de litteratos notaveis figurarem nas redacções luminisens, não deixarei de dizer-te que é uma verdadeira pena que ahi se conheça tão pouco a litteratura brasileira, tão rica de escriptores de superior envergadura e possuidora de verdadeiras obras primas da arte litteraria. Além dos seus poetas, e ainda d'estes são os mais antigos que conhecemos apenas, o que lêmos nós mais do muito que se escreve em todos os generos n'este paiz de uma tão larga e intensa cultura moderna? Nem os proprios romances de Machado de Assis, que a critica indigena compara, pela finura ironica dos conceitos e a elegancia discreta da fórma, ao divino e puro Anatole France, os tenho visto sufficientemente manuseados pelos nossos escriptores.

Verdade seja que em Portugal (e o habito contrario é uma das grandes superioridades do meio litterario do Brazil) quasi só se lêem os livros francezes. E' uma vergonha dizer, — mas é a flagrante verdade, — que as litteraturas que offerecem maiores afinidades com a nossa, como a brasileira, pela equaldade da lingua, e a hespanhola, pela similaridade do caracter dos dois povos peninsulares, são exactamente, não se sabe por que extraordinaria e injustificavel aberração, aquellas que nós mais real e ostensivamente ignoramos.

Pelo que toca á do Brazil, é possível que caiba tambem uma parte da culpa aos auctores d'aqui, que me parece não procuram com bastante empenho o julgamento dos criticos e homens de letras portuguezes, que, por sua parte, não retribuem como deveriam fazel-o o carinhoso affecto com que são lidos pelos brasileiros.

Como seria para de-

sejar que esta situação se modificasse, e que entre as duas litteraturas, brasileira e portugueza, duas irmãs tão semelhantes, se estabelecesse uma communidade mais intima de relações, um convívio constante, que não basta para manter, acho eu, o *Almanach de Lembranças*.

A Avenida Central é uma das melhores, se não a melhor das arterias do Rio. E' ampla, com largos passeios, ao longo dos quaes se alinham predios de rica architectura e n'uma disparidade de estylos que enleva a vista pela elegancia do projecto e pela magnificencia da execução.

Ha-os com verdadeiros debochos de marmore e de crystaes, encimados por torresinhas esguias que desafiam o poiso de passaritos fatigados.

E' muito bem illuminada esta avenida, como





Paulo Barreto (João do Rio)
da Gazeta de Notícias

em geral quasi todas as ruas da cidade, com uma profusão de lampadas electricas associadas a multiplos bicos de gaz.

E' extensissima, mais ainda do que a nossa Avenida da Liberdade, e completamente plana, asphalxada, o que convida a percorrel-a a pé sem grande cansaço.

Liga com a Avenida Beira-Mar, que vae dar a Botafogo, ridente estancia formada por uma theoria de pequenos jardins, alinhados pelos canteiros rebuscos, onde plantas raras de colorações diversas põem maciezas de velludo.

Em frente estende-se o mar a que faz sentinella o Pão de Assucar, um monte corado por um bloco enorme, assim a modo de um grande torão de assucar, de onde lhe vem o nome. Do lado opposto ergue-se o Corcovado, outro monte de formas estranhas, que lembra um gigante corcunda estirado de borco.

Estou no centro da actividade e do progresso. Por cá até já se nasce em automovel, quando ahí o muito que temos adeantado é nascer em carro electrico.

E nasce-se em automovel, porque a policia tem para serviço dos que precisam de socorros hospitalares automoveis e não trens de praça ou carros electricos, como nós.

Não admira por isso que o noticiario da terra se ocupe com grande bulha de dois partos occorridos, n'essas vertiginosas machinas, em menos de uma semana.

E estou em crer que ainda se chegará ao casamento e ao enterro de automovel, as duas ultimas tolices que se fazem n'esta vida, conseqencias da primeira — ter nascido...

O que não tive ainda aqui foi a sensação da creança. Não a vejo nas ruas nem nos jardins, havendo-os aliás quasi edemicos, como esse fresco e ensombrado campo de Sant'Anna, onde até experimentamos o desejo de voltar aos descuidados folguedos da infancia. Parece que as creanças ficam sempre fechadas em casa, como avesitas engaioladas.

E tanto é flagrante de verdade esta observação, que já a *Gazeta de Notícias*, n'um bem lançado artigo, abriu uma campanha incitando os paes a levarem os filhos aos jardins, onde elles beneficiariam do ar puro e do movimento, factores preciosos para o desenvolvimento dos seus delicados corpinhos.

O que mais me espanta no Rio é a extrema limpeza que se nota nas menores coisas e que está em desacordo com os boatos alarmantes que de vez em quando correm sobre a sua salubridade.

Os padeiros, por exemplo, distribuem o pão em cestos ou caixas completamente fechados, que elles poisam á porta do freguez n'um banquinho de tesoura, que trazem consigo para esse fim.

Bem andariam as padarias lisboetas em adoptar est systema e assim ficariamos livres de comer o pão cheio de todas as porcarias que ás sopeiras apraz sacudir das janellas.

Não ha o minimo receio de febre amarella. A hygiene, que aqui se acata rigo-



Largo do Rio: estatua de D. Pedro I

rosamente, correu com a flagelladora epidemia.

O mais singular é que me dizem que tudo isto que vejo, a cidade nova, brunida,



*Escola Polytechnica
(Largo de S. Francisco)*

pinturilada, a transformação completa dos seus antigos hábitos, o melhoramento fundamental da sanitariedade urbana, se fez rapidamente, em poucos annos, quasi como uma verdadeira transmutação á vista.

Bem se vê que estamos na America, apesar de cá muito para o sul. A vida discorre, por isso, com uma intensidade febril, e as idéas, por mais arrojadas que sejam, por mais exóticas que se prefigurem, corporisam-se depressa e estão realisadas praticamente dentro de um periodo tão curto que não chegaria na velha Europa sequer para a sua elaboração e estudo.

Cumpra dizer que o Brazil sente um certo orgulho de ser americano, no que faz muito bem, tanto mais quando tira d'ahi tão proficuo estimulo para desenvolver-se e progredir.

O americano do norte faz, dentro de quinze dias ou de um mez, uma cidade nova, como é sabido. Para isso derrubou uma floresta ou desbravou um mattagal, em seguida abriu ruas, construiu edificios, pôz fabricas a funcionar, creou jornaes, abriu hoteis, e de um dia para o outro accumulou um formigueiro activo de gente no ermo da vespera. Quem tinha passado pelo sitio um mez antes, e volta, pelo acaso do seu jornadaer, chega a experimentar a desconfiança de ter-se enganado no caminho. Tenho idéa do capitulo de um livro de Max Leclerc em que se conta a criação de uma cidade nos Estados-Unidos. O agglomerado das casas e dos homens, sae todo do solo, insperado e pujante, milagrosamente, como o grão de trigo que um fakir faz germinar, crescer, enfolhar e espigar no espaço de uma noite.

O brasileiro não faz ainda tanto, mas tenho confiança de que ha de vir a fazel-o, e dentro de pouco. Por ora contenta-se em modificar a sua capital federal, de tal feitio, e de modo igualmente tão presto, que os que cá tinham estado ha um anno, principalmente ha dois, confessam que quasi não

reconhecem já o velho Rio.

Lisboa tambem se transforma desde ha alguns annos, extravasa sobretudo para os arredores, crescendo naturalmente, mas que tempo não leva n'isso! Quem a viu ha dez, ha doze annos, encontra-lhe decerto bastante differença; mas, quem a viu o anno passado, mal poderá aperceber-se de alguma mudança. Vamos pautada e lentamente, fazendo as coisas devagar, como compete a pessoas graves e ponderadas. Aqui não. O sangue novo estua nas veias do homem e nas proprias veias da

terra, que se sentem ambos moços, capazes de executar todos os assombros, aptos para procrear todas as maravilhas. E é por effeito d'essa fé e d'essa forte confiança que o novo Rio de Janeiro surge quasi de repente aos nossos olhos extaticos; é por causa d'esse entusiasmo ardente de um povo novo que a sua capital se torna de uma maneira tão rapida uma cidade moderna, a urbe civilisada, que pode servir de modelo ás grandes cidades da velha Europa, pela espontaneidade do seu crescimento, pela explosão da sua riqueza.

E' preciso vir aqui ao Rio de Janeiro, e comparal-o, os que o não viram antes, ao que ouviram contar da cidade antiga, para ter a comprehensão nitida do que vale a iniciativa e do que representa a opulencia do Brazil.

Preciso de vêr esta bella cidade mais detidamente para melhor te falar d'ella.

Entretanto, aqui te ficam estas ligeiras impressões de momento, para fazer pacientemente um pouco a tua nunca desmentida curiosidade de digno filho da terra da alfice e do gargarejo. . .

Rio de Janeiro, 18 de maio de 1908.

MERCEDES BLASCO.



Avenida Botafogo, ao lado o Pão do Assucar

VIDA COLONIAL

UMA REPRESENTAÇÃO ESCOLAR EM LOURENÇO MARQUES

E' facil de imaginar quanto a situação de analfabetismo existente na metropole, explorada como thema das mais facéis amplificações rethoricas, mas bem raramente servindo de incitamento a qualquer iniciativa melhoradora, se aggravará, por sua vez, nas colonias. De resto, citaremos o exemplo de Lourenço Marques, que tem uma população approximada de onze mil habitantes, e que só ha pouco mais de um anno viu abrir-se a primeira escola official dentro dos seus muros. Mas, na capital de Moçambique, ha uma differença: parece que se gasta menos palavreado inutil e se realisam mais obras praticas.



Uma ição de mora: Scena penultima.

Para de certo modo attenuar a falta de escolas officias fundrou-se, em 2 de janeiro de 1900, uma associação denominada Sociedade Instrução e Beneficencia 1.º de Janeiro, que começou por estabelecer em



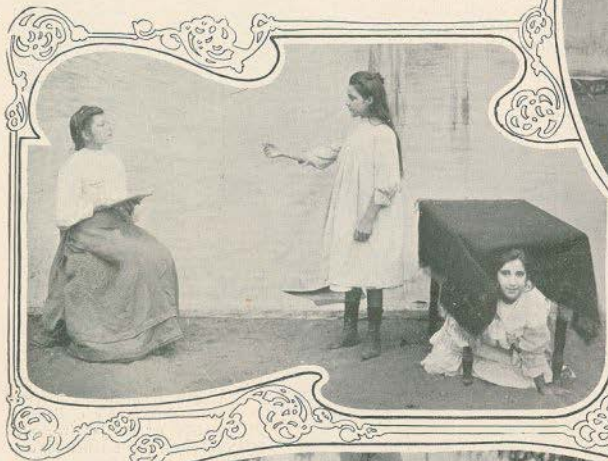
Os gaiteiros, primeira scena
—N'uma espera de exames: discussão sobre historia

Lourenço Marques uma escola de instrucção primaria, que a principio se destinou exclusivamente ao sexo masculino, depois, forçada pela necessidade, se tornou mixta, e em 1 de maio do anno passado teve de desdobrar-se em duas, destinada cada uma ao seu sexo e dirigida ambas por professores diplomados pelas escolas normaes de Lisboa. A frequencia augmentou desde então e hoje as escolas 1.º de Janeiro contam approximadamente 120 alumnos, um terço dos quaes pertence á escola feminina.

Em 7 de março ultimo os alumnos de ambas as escolas realiram uma festa escolar, em que representaram varias comedias e que obteve tal successo que foi depois repetida duas vezes. As photographias que hoje reproduzimos são tiradas por essa occa-



As flores, valsa cantada pela menina Antonietta Baptista



são e reproduzem diversas situações das peças e outras composições theatraes que subiram á scena nas recitas a que alludimos.



Abaixo a palmatoria, penultima scena
Os alumnos que tomaram parte na representação, acompanhados pelos professores
(CLICHÊS DE HENRIQUE DE CARVALHO, DE LOURENÇO MARQUES)

EXERCÍCIOS DA 1ª BRIGADA DE CAVALARIA
NO HIPPODROMO DE BELEM



El-Rei D. Manuel seguido do seu estado maior
—Saltos pelas nuvens de artilharia do grupo aquartelado em Queluz
—Evoluções pela artilharia



*El-Rei assistindo
ao desfile
da brigada*



*Esgrima de sabre
por
cavallaria 4*



*Uma carga de ca-
vallaria*



*Armando o diva-
que de
lanceiros 2*

(CLICHÉS
DE
BENOLIEL)

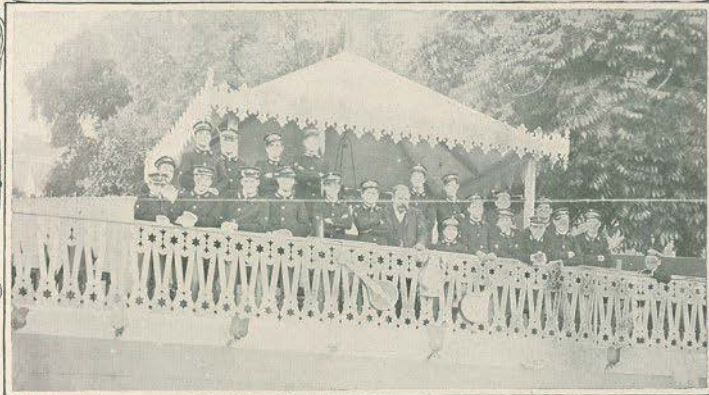
UMA FESTA DE CRIANÇAS

Todos conhecem os serviços que o *Albergue das crianças abandonadas*, filho exclusivamente da iniciativa particular, tão rara n'este paiz, presta, ha uns poucos de annos já, e, por isso mesmo, ainda não lhe faltou tambem, até agora, a protecção e a sympathia que tem todos os direitos a receber uma instituição da sua natureza e com tão alto fim philantropico.

As photographias que reproduzimos hoje mostram

alguns aspectos do bazar annual, que o Albergue costuma realizar, no intuito de augmentar a receita, que applica de uma fórma tão util e proficua, e para o qual escolhe sempre este mez de junho, o mez do S. João e do Santo Antonio, os dois santos mais populares da gente infantil em Lisboa.

A festa d'este anno foi, como todas as suas antecedentes, bastante animada e largamente concorrida.



O Bazar—Grupo de albergadas—No coreto: A banda do Asylo Maria Pia
(CLICHÉS DA PHOTOGRAPHIA PORTUGUEZA DE JOSÉ MARIA DA SILVA)

UM NOVO PINTOR PORTUGUEZ



Fred E. Abecassis

DIZEMOS «um novo pintor portuguez», e novo o é de facto o talentoso artista, que temos o prazer de apresentar hoje ao publico, não só pela idade, como porque pode dizer-se são ainda as primicias do seu trabalho que representam os quadros por elle actualmente expostos em Lisboa. Comtudo, é necessario confessar que, se o seu nome se conserva ainda desconhecido para a maioria do nosso publico, não lhe acontece já o mesmo na Allemanha, onde o

pintor Abecassis tem concorrido a varias exposições nas suas principaes cidades, fazendo parte do *Luitpold Gruppe*. Para a nossa ignorancia deve reconhecer-se que existe, de resto, uma razão sufficientemente explicativa. O sr. Abecassis começou a estudar pintura ha apenas dez annos, e foi, primeiro em Paris, tendo por mestres Jean Raul Laurens e Benjamin Constant, e depois na Allemanha, com Wilhelm Trübner e Walther Thor, que proseguiu sempre os seus estudos. Só ultimamente voltou ao seu paiz, de visita, e a obra valiosa e original que nos trouxe constituiu, por



isso, uma revelação tão inesperada como lisongeira do apparecimento de um novo pintor portuguez, ao qual não é difficil de prognosticar, perante o extraordinario conjunto de aptidões e de talento que denunciam estes seus primeiros quadros, um brilhante futuro artistico.

A parte da obra agora exposta pelo sr. Abecassis é composta de uma serie de trabalhos encetados pelo nosso illustre compatriota durante um verão que passou em Mittel Franken, na Baviera, e são especialmente interessantes, não só pelo caracter exotico da architectura e da paisagem, como ainda pela

singularidade da maneira pessoal do artista, accentuada não só na fôrma plastica como no proprio processo. Efectivamente o talentoso pintor, na maioria dos quadros que expôz, adoptou o processo do desenho a carvão depois colorido, de certo de um bello effeito, mas que não é aquelle em que verdadeiramente se affirmam as qualidades de um artista. E' esse o da pintura a oleo, e os tres quadros d'este genero, tambem expostos pelo sr. Abecassis, são bastante depoimento, pelo seu excellente acabamento e bom effeito de côr, dos valiosos recursos do pintor. Deseja-



O sr. Abecassis tem aproveitado a sua actual estada em Portugal para tomar diversos apontamentos, que é sua intenção aproveitar mais tarde para reproduzir e apresentar no estrangeiro alguns trechos da nossa paizagem,, e n'esses trabalhos promettidos para o futuro podemos, sem duvida, pôr a mais incondicional fé. O artista, que revelou uma tão espontanea sinceridade e superior talento, juntos a um completo conhecimento da perspectiva na execução, d'esses interessantes quadros da Baviera, (que nos foi dado agora apreciar com o mais vivo sentimento admirativo, não deixará seguramente, quando o seu pincel, já tão afortunadamente experimentado, fôr ainda tocado por um impulso da saudade e da commoção delicada das paizagens familiares da mocidade, de se elevar a uma mais alta e nobre concepção artistica e um mais apurado e amoroso rigor de execução.

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



riamos, por isso, vê-lo em outra exposição em que o processo da pintura a oleo predominasse, seguros de que só teriamos motivos para applauso.

De mais, em toda a obra do sr. Abecassis resalta bem nitida a influencia caracteristica da escola allemã, a qual possui modernamente mestres notabilissimos, que se esforçam sobretudo por estabelecer e conservar um caracter de originalidade á arte nacional em todas as suas manifestações. Um outro exemplo, que temos já em Portugal, d'essa influencia é o distincto architecto Raul Lino, cujo merecimento e novidade de projectos os leitores da *Illustração Portuguesa* conhecem já.



A INSPECÇÃO • A ENTRADA • A FORMATURA DA ALVORADA • O OFICIADEIRO • OS EXERCÍCIOS DE INFANTARIA • OS CANDIDATOS A ENGENHEIROS • OS REFORMADOS • OS EXAMES

Ainda nas escolas preparatorias, em pleno gozo da liberdade, chegam até nós boatos terroristas sobre o trabalho insano na Escola do Exército. Esses boatos tem o cunho da exaggeração e avisados mas incredulos entregamos o competente requerimento de matricula.

Começa logo para nós uma grande faina! Depois de uma formatura, que julgamos interminavel, temos a inspecção. N'uma antesala despimo-nos e esperamos a nossa vez. Uma impressão profunda nos penetra, começamos a vêr e a sentir em nós cousas que até ali não tínhamos: um hombro mais alto que outro, uma fraqueza nos pulmões, irregularidade no bater do coração e até uma certa myopia.

Passado o tormento da inspecção, com que alvoroço não lêmos a decisão do jury! A alegria então de termos sido approvados não nos deixa comprehender a desgraça dos que o não foram. E quantos não sahem d'ali com lagrimas e sem futuro!

Principiam desde logo os preparativos: o grande negocio de livros, a compra de emblemas e de estrellas, a orgulhosa collocação dos dois «és» nos nossos barretes, a escolha de companheiros de quarto, a leitura da ordem, etc.

Depois, por uma noite já fria de novembro, ainda com as fardas dos regimentos, entramos debaixo dos olhares trocistas dos antigos alumnos e olhamos-lhes com inveja para os seus fardamentos.

Indicaram-nos o

nosso quarto. E' no 3.º edificio. Quatro camas alinhadas nos esperam. A janella aberta e a luz incandescente, muito clara, dá-nos uma profunda impressão de desconforto!

Toca o clarim. E' a formatura do recolhêr. Automaticamente vamos para o corredor e collocamo-nos como os outros. O chefe da secção, um alumno de engenharia a quem na Polytechnica tratavamos por tu, pergunta-nos o numero com um ar sobranceiro. Dá a voz de «sentido.» Lê a ordem e recommenda-nos que não faltemos á formatura da alvorada. Elle não tira as faltas.

Entramos no quarto e dispomo-nos a deitar, recommendando uns aos outros que quem acordar ao primeiro toque de clarim acorde os restantes. Julgamos ir dormir, porém isso não acontece. Um tem os dois lençoes cosidos; a outro desparafusaram-lhe a cama que se desmancha com grande estampido; aquelle tiraram-lhe os ferros e o colchão, sem apoio, cahê concavo no chão; a este metteram-lhe terra nos lençoes.

Depois de tudo reparado, amaldiçoando a partida que, indignados, alcunhamos de mau gosto, dispomos-nos a dormir. Mas ainda não! A porta abre-se com barulho, e uma figura envolta em lençol com uma espada á cinta lê-nos um regulamento horrivel; outro com uma vassoura esfrega-nos a cabeça; aquelle amachuca-nos as macanetas da cama ou leva-as dizendo que tem falta d'ellas na sua e que os «candidatos» não tem direito a possuil-as.

Parece ser, por fim, a occasião de dormir. Ha um silencio animador. Cerramos as palpebras. Entorpecêmos. Estamos quasi. N'isto uma luz intensissima obriga-nos a abrir os olhos. Levantamos as cabeças sobressaltados. E' o official de serviço que passa a ronda e faz incidir sobre nós a luz da sua lanterna. Ficamos atrapalhadissimos. Não sabemos se nos devemos levantar ou ficar deitados. O official desaparece. Respiramos! Damos voltas na cama, procuramos posição.

Parece que pegamos no somno, mas já ouvimos um toque de clarim, longinquo, muito triste. Será já para a formatura?! Apuramos o ouvido. Novo toque, mais perto. Não ha duvida! Outro ainda, no proprio corredor, forte, agudo, penetrante, que nos faz tremer a espinha. Saltamos da cama. Afinal estava tudo acordado, quasi nenhum dormira. Vestimo-nos e precipitamos para o corredor. Ninguém! Um fachina declarara-nos que tocára á alvorada, mas ainda não a formar.

Voltamos ao quarto. Lavamo-nos á pressa. Mas afinal tinhamos immenso tempo! Conversamos. Toca novamente o clarim. Não ha duvida, é a formatura, a terrivel formatura da alvorada. Mas ainda não, foi o toque para o café! Novas conversas, acabamos a toilette. Que asneira termo-nos levantado tão cedo! Novo toque e agora acertámos.

A formatura de alvorada é um dos peores tormentos da Escola do Exercito. Quanto não dariam alguns para os deixarem na cama! O chefe de secção berra os numeros dos alumnos do respectivo corredor e vaé assentando os que faltam na competente



minuta. A luz do gaz mistura-se á da manhã que irrompe pela janella do corredor aberta de par em par; ha um frio que faz tremer. Os numeros vão-se amontoando na minuta. Os alumnos novos, os «candidatos» apparecem a medo. Os antigos, embulhados em amplos capotes, em cuja gola mergulham a barba, chegam arrastando-se somnolentos. Todos se alinham em duas fileiras em frente do chefe. Ha bocejos. Faltam os retardatarios. Os seus numeros são repetidos. O chefe parece um cauteleiro. Por fim apparecem abotoando o dolman; já era tempo! O official de serviço apparece n'esse momento ao fundo do corredor. O chefe dá a voz de «sentidos»; os candidatos parecem estacas! O official conta as filas; está certo. Ao todo serão uns 50 alumnos.

Toca a destroçarr. Uns, os praticos, vão para o café; outros, os pachorrentos, vão para os quartos espreguiçarem-se nas camas.

Depois segue-se a formatura para os exercicios. São 77 horas da manhã. Começa então verdadeiramente o trabalho escolar. Sentimos cair sobre nós uma disciplina de ferro que não esperavamos. D'ahi á hora de jantar as formaturas e as aulas succedem-se, quasi sem interrupção. Extranhamos as aulas, aquelle conjunto de fardas, o silencio religioso, a firme posição de sentido em que todos esperam o aceno do lente para se sentarem, a rigidez militar d'este, tudo isto nos infunde um respeito extranhio.

Comprehendemos então o compromisso que tomámos. Caimos bruscamente na realidade, foi uma reviravolta completa. Afinal os boatos ainda eram bemevolos. A vida livre, despreoccupada e cheia de encantos que levavamos até ahi, desapareceu e vem-na substituir uma outra, mais verdadeira, cruel, já cheia de occupações, trabalhosa e sem liberdade. E' bom! E' uma pequena amostra do que nos espera cá fóra. Avisa mos e couraçanos.

Depois de jantar, cinco horas. E' a hora da liberdade. Todos se vestem á pressa. Aposta-se qual é o primeiro a apparecer na Bai-

xa. Ha menino que conserva este campeonato durante todo o anno. Olha-se para elle com admiracao. Outros só conseguem acabar de se vestir quando toca a recolher. Mas por maior velocidade que se empregue, nos primeiros mezes de inverno, che-

ga-se sempre á Baixa já de noite; exactamente quando tudo vai para casa. E é triste esse tempo, só á luz do gaz conhecer a liberdade!

O relógio da estação do Rocio é o alvo de todos os cadetes. Lançam para os seus poiteiros olhares supplicantes, mas elles indifferentes caminham com vertigem para as 7 e meia, hora estabelecida para se pôrem a caminho da Escola os que não usam electrico nem trem. O que custa deixar a Baixa! A rua do Telhal enche-se então de cadetes que, cabisbaixos e silenciosos, inclinam-se para a frente para melhor vencerem a ladeira.

Ao principio do anno todos saem, mas passado algum tempo não. Ficam os neurastenicos que tudo os aborrece, os nostalgicos que preferem não ir á Baixa a separarem-se d'ella, o detido que tudo faria se não estivesse castigado, e o bom estudante que aproveita dormir aquellas horas para depois poder estudar até mais tarde.

Mas, em compensação, ha outros que sabem sempre, haja o que houver. E' o cadete pão, sempre de grande uniforme; que limpa com pomada «amor» os botões da farda e fede a benzolina; que anda meia hora antes de sair com um *sans-gêne* amarrado nos queixos; que conhece e catrapisca todas as pequenas dos bairros Estephania, Camões, Andrade e immediações; e que, quando á noite entra na Escola, espera-o sempre uma velha com uma carta e um segredi-

nho. Outro, que tambem nunca deixa de sair, é o Talento; que nunca estuda e sabe sempre as lições; que vai sempre á Baixa mas ninguém o vê. Tem muitas voltas a dar, ir falar á pequena, um inferno, que lhe não deixa cabeça para estudar. Mas... leva

ferencia; uma lição maior ou menor, um trabalho de salas a entregar, uma conferencia a fazer, muito trabalho, mas nada que rompa a monotonia.

Ainda assim n'este meio; o picadeiro dá uma nota de interesse e de alegria com as peripécias que a

pára e soccorrem o desgraçado, que em geral entende por bem desistir immediatamente.

D'uma vez, um d'estes desgraçados, miúdo e enfezado, depois do competente trambolhão, levanta-se rapido, com a cara mascarrada do pó do picadeiro, se, sem

nada dizer, emprenhendo vertiginosa corrida para a porta de sahida. O instructor, estupefacto, grita-lhe: — «Para onde vai o senhor? E elle, sem parar: — «Para infantaria, meu capitão.»

Para a 1.ª turma vão os repetentes, os do Collegio Militar e os que já montavam antes. Costumam, porém, ser constituída só pelos dois primeiros grupos, porque, modestamente, itodos declararam nunca terem montado. Não succedeu assim a um rapaz, soldado de infantaria 16. Aprezentou-se dizendo que já montara e até se segurava menos mal. Viu o picadeiro das outras turmas, o de engenharia e o de artilharia; e commentou emphaticamente que aquillo lhe parecia um picadeiro para creanças. Ficou logo conhecido pelo picador do 16. Chegou o dia da turma do picador. Encheram-se as galerias. Todos os olhares incidiram sobre elle. Lá estava com calção apertado; bota alta, perna fina, barrete ao lado.

«Boa figura tem elle, commentava-se. Mandaram arranjar os estribos e elle limitou-se a endireital-os, e collo-

cou-se activo, muito direito, á esquerda do cavallo. N'isto o instructor dá as vozes. «entidos»; «preparar para montar»; «a cavallos». Estava lidando com gente habituada, deu as vozes rapidamente. O picador do 16 não repára bem, descuidou-se; vê os outros, e precipita-se: Enfia apressadamente o pé direito no estribo, passa a perna esquerda por cima, e se lhe não acodem, ficava de cara para a cauda do cavallo. Es-



A formatura da chorada

habilmente escondidas debaixo do dolman as sebanas que avidamente lê em casa, sózinho, estudando em segredo. E' o que depois faz troça dos que estudam á hora official e dos que dizem que a Escola dá muito trabalho. — Qual historia, é tudo uma cantiga, que se leva com uma perna ás costas! — E afinal mortifica-se e acabrunha-se mais do que todos. E' a sciencia espontanea! São os talentos.

A vida ali é methodizada. Os dias succedem-se eguaes, e quando olhamos para traz parece sempre ter sido ainda na vespera que entrámos, embora os dias decorram longos. E' que não ha pontos de re-

le se ligam durante o anno. E' no picadeiro que se faz a escolha dos que irão para cavallaria. Mas todos querem ir; logo é necessario apertar e obrigar a desistir os inhabeis. Ha então scenas engraçadissimas. Ao lado do cavalleiro, firme, rijo e de rins flexiveis, que tudo lhe pôde succeder, que elle imperativamente parece fazer a coisa mais facil d'este mundo, ha aquelle que, logo nos primeiros andamentos do mote sem estribos, começa a inclinar o corpo para a frente, as pernas escorregam-lhe para traz, as mãos largam as redeas e segura-se com affinco ao sopinho. e n'uma volta, zás, roda e cabe redondo no chão. A voz d'alto dada pelo capitão Valladas, a Escola

Arnaldo Resende
1908



cusado será dizer que o picador de infantaria ficou de infantaria.

N'uma das outras turmas o official, com toda a paciencia, ensina a montar um rapaz muito alto, magro, com as pernas rasgadas quasi até ao pescoço. O rapaz monta e as pernas pendem-lhe um bom bocado para baixo da barriga do cavallo, quasi verticaes, espetando o pé para o chão; a cara immovel e os olhos fitos nas orelhas do cavallo. O official instructor vae ensinando os outros alumnos, um por um, a montar. Elle espera. O cavallo estende o pescoço e sacode-se todo. Elle sopeia as redeas de que já só segura as pontas e fala-lhe: «então! então!» Mas o cavallo conhece o cavalleiro, estende mais o pescoço, dobra os joelhos, e pachorramente deita-se no chão, deixando o nosso homem muito afflicto em pé, de perna aberta.

Mas o picadeiro mais engraçado é talvez o de engenharia. O engenheiro, como bom estudante, sabe de cor todos os cavallos terriveis: O 36, o 10 dos coices, o Inglez, o Boi, a Cabrita, o Malhado, o Passa-guias e todas essas celebridades que deixam recordações no picadeiro e nas costas dos rapazes. Mas o engenheiro, por principio, é mau cavalleiro e tem medo. Um medo horrivel! Na vespera do dia do picadeiro não dorme bem, deita-se mais cedo com a seguinte prece nos labios: — «Deus queira que me calhe uma burra.» No picadeiro, quando os mandam escolher cavallos, é uma lucta titanica. Lançam-se quasi todos para o mesmo que disputam a muro; para o P. A. ou para o II, conhecidos pela sua extremabondade. Mas depois da lição já são outros. Os que mais medo tem são os que mais falam. Pedem a opinião dos alumnos de cavallaria do 2.º anno. Criticam este, aquelle. — «Parece impossivel, se fosse eu...»

Uma vez um muito afflicto no meio de uma lição, não se entendendo com supplica ao instructor.

o cavallo, lança uma Este, imperturbavel, responde-lhe: — «oh! senhor, tire-lhe os logarithmos!»

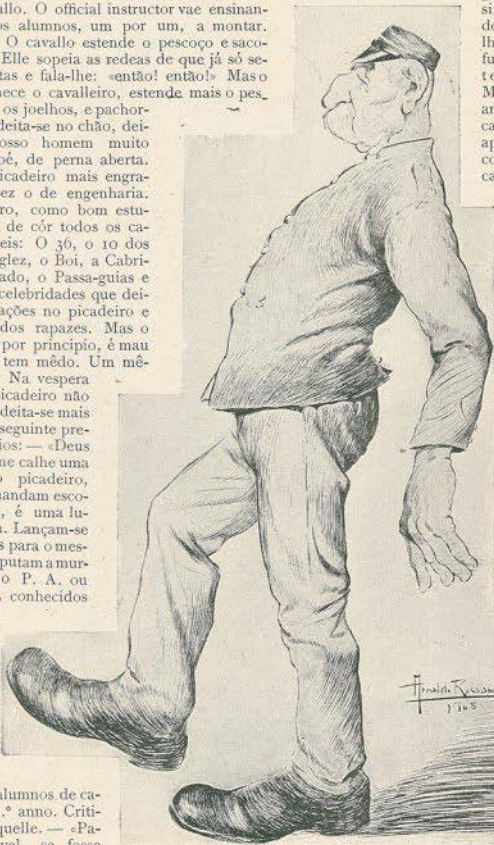
Assim decorre o picadeiro até que chegam as provas finais. D'estas a mais sensacional é a do 1.º anno commum de ca-

vallaria e infantaria. A ella só chega quasi um sexto dos alumnos que no principio do anno frequentavam o picadeiro. Essa prova é esperada com interesse por toda a escola. N'ella se decide definitivamente quaes são os escolhidos para cavallaria. E' a derradeira esperança dos que durante todo o anno se agarraram

ao sopinho. Depois ha a grande alegria dos classificados e as lagrimas dos desilludidos a quem lhes foge, n'esse dia, o futuro que durante tanto tempo architectaram. Mas os desilludidos do anno anterior são implacaveis, recebem-nos com apupos e entregam-lhes, com solemnidade comica, uma barretina ou uma mochila. E elles lá a recebem, tendo como unica consolação a idéa de que para o anno também hão de apurar!

O exercicio de infantaria tem tanta importancia para o alumno d'essa arma como o picadeiro tem para o de cavallaria. A's vezes é de manhã. Umans manhãs muito frias de inverno de que os fatos de cotim são um insignificante resguardo. Mas não é no corpo que sentimos mais frio, é na cara,

nas mãos e, ainda mais, no nariz e nos dedos. Sentimos-os de spagados e dormentes. Procura-se então agarrar a espingarda só pela ma deira. E' mais quente! E o hamos



O Silva

com inveja para as luvas dos alumnos que fazem de officias. Mas no fim do exercicio vem a vingança sob a forma d'uma critica acerba á maneira como elles commandaram. Aquelle que quando quiz dar uma voz de commando lhe sahiu simplesmente um guincho muito fino. A este que constante-



mente errava e, atrapalhado e corrido, no meio da desordem em que tudo punha, olhava de soslaio para o instructor. Mas os officias de hoje farão amanhã de soldados e esquecer-se-hão das luvas quando houver asneira a criticar.

Assim como a selecção dos cavalleiros se faz no picadeiro, a dos engenheiros é feita nas aulas. Toda a escola segue com interesse a lucta renhida que se trava durante o anno. E é de vêr esses desgraçados, pallidos e de olheiras fundas, cheios de febre, em noites inteiras e successivas curvados sobre os livros a estudarem á porfia, levantando de vez em vez a cabeça, só para



O Martins da Bibliotheca

fazerem contas e compararem as suas classificações. E' encarniçada essa lucta que não só requer uma cabeça sã, mas talvez, e ainda mais uma solida resistencia physica. No nosso primeiro anno havia um alumno talentoso em extremo, candidato a engenharia, que se tinha imposto pela sua intelligencia, o infornado Fernando Paulino d'Albuquerque, morto desgraçadamente ao brincar com uma arma de fogo. Fernando Paulino foi chamado uma vez a organica, e estava dando uma d'essas lições só d'elle, soberba de forma e precisão. Os companheiros olhavam admirados, esquecendo-se da rivalidade, para só vêrem n'elle o seu grande valor. N'isto, passado sorrateiramente de mão em mão, chega até nós um bilhetinho, tarjado de preto, onde se lia: — «Ao primeiro anno commun de engenharia e artilharia» — depois abaixo: — «Sentidos peza-mes.»

Os velinhos reformados dão uma nota devéras sympathica á escola. O Izidro, o Salvador, o Antonio da Silva são tres reliquias honrosas do nosso exercito, todos tres com a medalha de ouro.

Quem não conhece: ali na escola o Izidro? O bom Izidro a quem chamam o 3.º commandante, pela manciêra desabrida como elle fala de tudo e a todos; o Santos, que não larga os estudantes casados, porque a mulheer d'elle é parreira; o Taboada, que nos fornece de papel e lapis; o Martins, empregado na bibliotheca e que sabe de cór os numeros de catalogo de todas as obras e que sobre o valor d'ellas tem sempre uma opinião — o 1:728 é bom, mas o 4:729 não presta para nada; e todos os outros, ceoitaditos, que alli vivem muito contentes da sua vida, recordando com orgulho os seus passados serviços.

E n'este meio passamos os nossos dias longos, que vamos riscando um a um nos nossos calendarios.

Os que acabam o curso, n'esse anno,

sabem sempre, em qualquer momento, o numero de dias, horas e até minutos, que faltam para o dia 10 de maio, dia do encerramento das aulas. Em seguida vem o periodo dos exercicios e das missões. E' um bello tempo em que alguns descançam das fadigas mentaes e em que outros, os prudentes, vão revendo a materia para os exames.

Depois o primeiro exame, e, com elle, a serie continua dos dias de ponto. Esses dias terríveis em que as horas nos fogem e a materia a vêr parece augmentar. E quantas vezes não desanimariamos se a idéa das ferias proximas não viesse d'ar-nos um incentivo. Essas ferias chegam, por fim, e com ellas uma idéa do que seja a liberdade. A liberdade tão querida, que d'ahi a pouco nos tornam a arrancar desapiadadamente. E lá entramos outra vez cabibai-xos e tristes, com a unica consolação de nos faltar menos um anno para acabar o curso.

ARNALDO RESSANO.



EL-REI-NA-PROCISSÃO-DO-CORPO-DE-DEUS

Tudo se vac, e nem sequer a grande procissão histórica do *Corpus*, tão notável antigamente pelo seu aparato sumptuoso, escapa á dissolução estúpida e ignobil de todas as melhores tradições portuguezas.

Com as irmandades, as cruces e cirias das freguezias, os desembargadores da relação e curia patriarcal, as sete mitras sufraganeas, o campanario e as basilicas,— e, sobretudo, o popular S. Jorge, a cavallo,— ainda se realizou este anno a velha procissão, mas encurtaram-lhe o trajecto e rodearam-na de uma exhibição policial inutil e odiosa.



O homem de ferro e os pretos
—As mesuras pelo S. Jorge—O pagem
—Os parochos das freguezias de Lisboa saindo da Se



*Na procissão do Corpo de Deus: O pallo,
tendo ás varas El-Rei, o sr. infante D. Affonso,
presidente da camara municipal, ministro
da justiça, governador civil, etc.*



Sua Magestade El-Rei, com o manio branco de S. Thiago, pegando á primeira vara do pallio, na procissão de Corpus Christis

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A INICIATIVA PORTUGUEZA NO BRAZIL



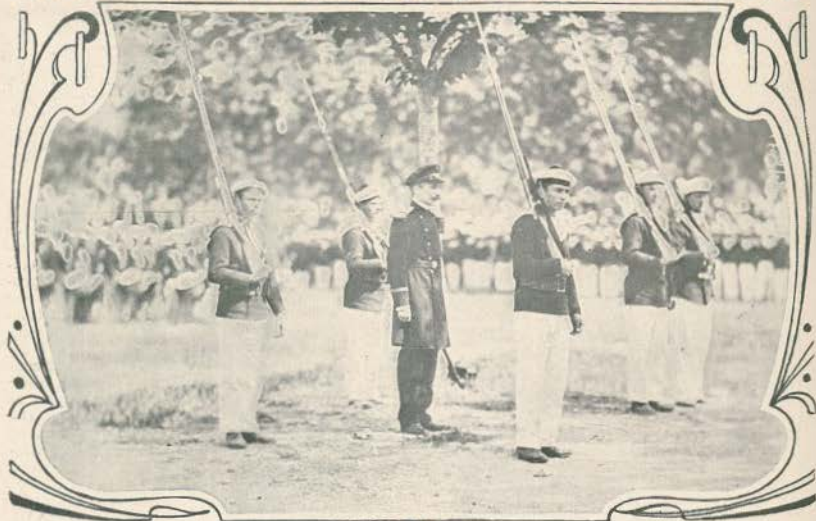
A litteratura portugueza é ainda hoje bastante estimada no Brazil e os nossos escriptores encontram no seu mercado uma clientella importante. Poucos editores nossos, diga-se a verdade, correspondem, porém, ás necessidades industriaes que semelhante situação impõe para o estabelecimento de um serviço commum de permuta de publicações. Mas, n'este intuito intelligente, uma das livrarias de Lisboa que mais se afana é a casa Tavares Cardoso, e por isso é com satisfação que reprodizimos as photographias do magnifico prédio que ella acaba de construir na cidade de Belem, no Pará, para séde do seu commercio litterario.



A fachada do novo edificio da Livraria Universal de Tavares Cardoso & C.ª, no Pará
—Sala da livraria de Tavares Cardoso & C.ª, no Pará

LÁ POR FÓRA

A EXAUCTORAÇÃO DO TENENTE ULLMO



As duas photographias que inserimos representam a dolorosa cerimonia, realisada em Toulon no dia 12 do corrente, da exauctoraçào militar do tenente da marinha franceza Carlos Benjamim Ullmo, que foi condemnado á pena de deportaçào perpetua em uma cidade fortificada, por ter sido reconhecido culpado, como se sabe, do crime de alta traiçào.

A scena violenta da degradaçào militar é sempre de um effeito moral impressionante. Um corneta, um tambor, um simples soldado arranca ao official, a quem ella é infligida, as divisas, os botões, todos os distinctivos da farda militar, e por ultimo tira-lhe a espada e

parte-a no joelho. Tal é, em si, essa cerimonia, que se impõe fundamente pela sua significação, e que acompanha indispensavelmente os mais duros castigos militares. São raros aquelles que a soffrem sem que se lhes quebre o animo e fraquejem. E assim aconteceu com o tenente Ullmo. Apareceu, entre os guardas, de cabeça erguida, mas bastante pallido, com o olhar atono e o passo automatico; e quando sentiu que lhe puxavam os galões não pôde cohibir um estremecimento, como não pôde tambem reter as lagrimas quando viu partida em dois pedaços e arrojada ao chão a sua espada manchada.



Em Toulon: O criminoso ouvindo a leitura da sentença, antes da exauctoraçào

—A scena da exauctoraçào

(CLICHÉ DE M. BRANGER)

Q TRIOMPHO DA BARBARIE SOBRE A CIVILISACÃO



tura dos cereaes, criação de gados, fabricação de tecidos e principalmente preparação do *marroquim*, — única cousa que traduzida em commodas poltronas, carteiras e sapatos por cá nos lembra o paiz de procedencia — creio bem, avaliando pelo adiantamento dos seus concidadãos, que elles são a personificação dos typos do feiticeiro, do phisico de seringa e do astrologo do oculo, explorados nas nossas revistas.

— Marrocos é, bem mais que Portugal, visitado pelos estrangeiros mais cultos, justamente porque representa um retrocesso na civilisação mundial. E'



Arzila

A complexa e interminavel questão marroquina, em que uma potencia europeia se vê envolvida n'uma guerra de bem duvidosos resultados, tem feito pensar a muita gente em como, no seculo XX, á vista e a duas horas de distancia da Europa, pode existir um imperio em estado tão primitivo que o não atravessa ainda uma estrada ou via ferrea e que para conhecer as vantagens do uso das rodas foi preciso ir mostrar-lhe as viaturas de guerra d'um exercito!

Li algures que a sua capital — Fez, — onde pelos annos mais proximos nos não será licito entrar com vida — foi celebre pela cultura das sciencias e que ainda hoje possui notaveis estabelecimentos d'instrucção. A menos que esses *sabios* não tenham dedicado toda a sua actividade ao estudo da cul-

*Muley Abd-el-Aziz, sultão
de Marrocos*

mesmo já um género de *sport* voltar, por uns dias, ao estado semi-selvagem.

A sua cidade preferida é a nossa antiga Tanger, não só talvez porque o premio dos seguros de vida poderão ser ali mais favoráveis, mas ainda por ser a unica terra marroquina que possui hoteis.

A estada em Tanger é na verdade interessante e curiosa pela dualidade de vidas que offerece, civilisada e barbara conjunctamente. Dentro dos hoteis é-se europeu na comida, no traje, nos costumes, na lingua. Ha ali confortáveis cadeiras



e camas de molas, esses monumentos á commodidade humana inteiramente desconhecidos dos mouros.

Lá fóra a vida é, para o europeu, permanente mascarada; tudo é diferente e estranho. A menos que entre as casas europeias se construissem tunneis, não ha meio de passar d'uma a outra sem vertiginosa queda n'um passadão longinquo.

Termina um jantar elegante; se o baile d'uma legação nos espera, lá encontramos á porta, rindo-se da nossa casaca negra, o mouro d'algeria com o paciente burro, unico meio de con-



Um mouro—Uma moura aristocratica



Tanger: Festa da pólvora no Soko Grande

ducção. As damas, nas suas *toilettes* brancas, com decotes e *aigrettes*, apenas lhes merecem a suprema deferencia do peneirador movimento d'uma incommoda cadeirinha!

Todos os excursionistas ao sul da Peninsula visitam Tanger, porque ella é uma continuação animada, uma explicação de Toledo, Granada, Cordova e Sevilha. N'estas cidades visitam o interior dos monumentos que lá lhes são interdotos, em Tanger observam a vida que se fez outr'ora em torno d'esses monumentos. Ali encontram a razão, creio, de muitos usos hespanhoes.

O facto de o mouro jámais tirar o turbante não explicará o uso andaluz de conservar o chapéu na cabeça mesmo

em casa, objecto que tiram *solo a IDios, por se acaso?*...

Do turbante do mouro pobre, um ppano em roda da cabeça, não ficaria o lenço assim usado pelo aragonez? Não viria dos arabes o uso de a mulher não poder entrar na egreja em cabello?

Os mouros rapam a cabeça á mavalha, não tocam na barba e aparam o bigode á tesoura. Porque não viria td'elles a moda, já adoptada por alguns dos nossos janotas, de transformar a boocca n'um pincel de piassaba?

A mulher, que em toda a parte é objecto de curiosidade, chega em Marrocos a ser um mysterio. Mas ai d'aquelle que tentar desvendal-o, poodera custar-lhe a vida!



Tanger: Caravana no Soko

Com effeito nada ha mais provocadoramente excitante que vêr passar uma mulher, cujas fôrmas se adivinham bellas, n'um passinho ligeiro e saltitante, mas cujo rosto nos é occulto por espesso véo.

Não será isto um perpetuo carnaval?

A mulher, que é ali para o europeu o verdadeiro fructo prohibido, para o mouro é causa de *indigestão*, pois pode ter 7, além das escravas, em numero illimitado. Aquelles marotos gosam bem o prazer egoista de dizer: «Tenho, mas não vendo... nem empresto...» Mas deixemos-lhes ao menos esse, em meio das suas desditas e ignorancia.

Outra cousa n'elles digna de inveja é a ausencia do terrivel ciúme. Teem as mulheres que querem, ninguem lh'as vê, ninguem lh'as cubiça!

E quem sabe se as inglezas e americanas, possuidoras das maximas liberdades, por uma aberração, não olharão quiça com inveja aquellas suas semelhantes, que tanto procuram vêr ao visitar Marrocos?!

O casamento é uma das



Troço de tropas regulares em marcha

Moura pobre

mais características cerimoniaes arabes. A mãe do noivo é quem busca a noiva, a vê e informa o filho; faz o pedido, ficando noivos sem se vêrem. No dia marcado para o casamento, a noiva, mettida n'uma caixa, collocada sobre um burro ou n'um palanquim, precedida e seguida de musicos infernaes e indigenas que, á falta

dos nossos foguetes, vão disparando tiros, é conduzida a casa do noivo. Descida e aberta a caixa, saca a noiva, vejada. O noivo á porta, com o braço apoiado á humberira, fal-a passar por baixo em signal de humilhação—estão casados. Como é simples tudo!

São noivas-surpresa que pode repetir até 7. Se não gostaram, as condições de divorcio são igualmente simples; basta devovel-a aos paes.

Conhecemos por cá quem se casaria assim to-



das as semanas!...

Os mouros teem a ppar de alguns habitos hygienicos, como são o de se lavarem a meudo, muitos outros comicos e alguns nojentos.

Usam do aperto de mão vulgar, ccomplicado com uma volta da mão feita em torno do pollegar, levam deppois a mão propria á bocca e em seguida ao peito, curvando-se ligeiramente. Esta formalidade repetem-na a proposito de nada e com a mesma pessoa, — uma maçada.



Tanger: Joven escrava marroquina—Festa da polvora n'um casamento



Preparativos da marcha de uma caravana

Fumam uma mistura de *kiff* e *hatschich* por cachimbos de cerejeira cujo depósito não é maior que um dedal de creança, mas de que tres fumaças bastam para embriagar mortalmente. O original, porém, é a maneira de fumar, que chamarei *em círculo*. N'um grupo sentado no chão com as pernas cruzadas, e formando círculo, por exemplo n'um

café, enquanto conversam, o cachimbo circula de bocca em bocca — oh solenne porcaria! — tirando cada um por sua vez uma fumaça!

N'outra cousa os mouros são felizes — além de não terem a noção dos numeros, desconhecem a idade. Contam pelos dedos, perdendo-se além de dez. Perguntando a um homem feito que eda-



Entrada solenne do imperador Guilherme em Tanger (1905)



Tanger: Dia de mercado

de tem, responde, por exemplo, 12. Um rapaz de 12 annos julga ter 35, sendo vulgar responderem 3 ou 4 e meia (o que em inglez, que geralmente falam, se diz meia depois das 3) como se se tratasse de horas.

Faiz extravagante aquelle em que um official inglez como Mac Lean consegue tornar-se valido de sultões, fazer grande fortuna, e ser nomeado *caid* para afinal ir cair nas mãos d'um bandido (Raisuli) expachá, que, quasi ás portas de Tanger, tem o seu acampamento sem que o incomodem, e que consegue fazer pagar á poderosa Inglaterra cerca de cem contos de réis pela libertação d'um homem!

A Inglaterra vae talvez breve seer vingada, vendo-se livre do terrivel maouro, no unico sitio em que elle pôde seer perigoso — Marrocos.

Dizem os jornaes que um empozario inglez conseguiu, com permissão do «Foreign Office», contratar o Raisuli para o exhibir em certa pantomima. So assim é, o terrivel bandido *flanará* em Londres na proxima *season* e, preso d'amores, talvez, por alguma *elegante... de Petticoat Lane*, deixará em paz os inglezes de Marrocos. Em tudo se manifesta a crrassa ignorancia dos marroquinos, principalmente da classe baixa, que os leva a attribuir á influencia diabolica tudo co que não comprehendem ou explicam. Con-



Mazagão: Muralha de construção portugueza



Vista geral de Tanger

tam-me que certo proprietario installára um moinho hydraulico; como os mouros vissem a agua correr a jorros sem intervenção de homem ou burro—era o diabo!—e quizeram dar cabo do homensinho!

Quando alguem pensa em levar a Tanger um automovel, previnem-no que isso produziria all o effeito d'um verdadeiro cataclysmo cosmico!

N'uma unica cousa Tanger, por iniciativa europeã, avançou rapida—a illuminação publica—que começou logo pela electricidade! Pois ainda hoje, camponio que venha ao mercado, que ali se demore até ao sol posto e veja um arco voltaico accender-se sem intervenção do phosphoro—deita a fugir espavorido, não voltando nas semanas mais proximas!

F. A.



O governador de Tanger seguido de musica e escolta no regresso da festa do Carneiro (Aid el Kebir) a 24 de janeiro

(CLICHÉS DE A. CAVILLA, DE TANGER)

ALIMENTO DELICIOSO!
BANANINE MIALHE
 Farinha de Bananas esterilizada chocolatada e phosphatada
 Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
 Farmacia del Dr. **MIALHE**,
 PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
 8, rue Favart, PARIS

L'Épil'vite
L'Épil'vite

**CREME
 EPILATORIA**

prompia a ser empregada.
 Resultado garantido.
 Perfumada, dissolve
 instantaneamente as penningens desengraçadas, a
 barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.—
 Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais deliçada

M. A. GRAZIANI, Pharm^e de 1^{re} classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.
 Agente dep^o: Portugal: **CURIEL & DELIGANT**, 19, R. de Arco a Jesus, Lisboa.
 Preço do frasco pequeno 800 Reís e do frasco grande 1.400 Reís.

Farinha lactea **Nestlé**
 Preço 400 réis

**36 medalhas de ouro incluindo a conferida
 **** na Exposição Agricola de Lisboa ******

DISCOS Simplex

Des double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e cantos dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de: **J. Castello Branco**. — Preços exceptionaes. Grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos.

J. CASTELLO BRANCO
 R. DE S. ANTÃO, 332, 34 E 32 — LISBOA

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 500 rs.
 Colocação de dentes desde 1500 réis.
 Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
 (Ao Calhariz)
 TELEPHONE 1.882

DISPONIVEL

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brinços a 1500 réis ou par. Lindos collares de perolas a 1500 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. *Não confundir a nossa casa.* RUA DE SANTA JUSTA, 96 (Junto ao elevador) Lisboa

DISPONIVEL

DISPONIVEL

**INSTITUTO
de belleza**

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparehos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza. Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparehos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos: **Loção Cromo e Pó Klytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal garantida e inofensiva**, **Loção capilar para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento**, dando-lhe a sua côr natural. **Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa)** para retirar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente. O Instituto de belleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

DISPONIVEL

DISPONIVEL

AINDA É TEMPO

— DE —

Começardes uma CADERNETA

— DE —

COUPONS 400 COUPONS

que podeis recortar do «*Século*», da «*Illustração Portuguesa*» e do «*Supplemento Humorístico*», e ficareis habilitado ao

CONCURSO DE 1908



ALIMENTO
RACIONAL
E
RECONSTITUINTE
CEREBRAL

Grape-Nuts

Alimento moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e á ceta. Todas as pessoas que tem excessivo trabalho intellectual devem tomar este precioso preparado alimentar.

NÃO PRECISA SER COZINHADO

VENDE-SE EM PACOTES DE 300 RS.

Peçam em todas as hoas mercearias, casas de viveres, pastelarias e pharmacies

Postum cereal C. L.^{TO} U. S. A.

DIRECCÃO EM PORTUGAL E COLONIAS.

**Esteves
& Anahory**

R. de S. Nicolau, 71, 2.ª-Lisboa

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

TELEPHONE N.º 1.953

Grape-Nuts